



## **Cesta curumim: agroecologia e bem viver na educação infantil** *Curumim Basket: Agroecology and Well-being in Early Childhood Education*

PRINCISVAL, Adriana<sup>1</sup>; SASSARA, Mara Carolina<sup>2</sup>; DA SILVA, Elisabete Aparecida Dias<sup>3</sup>; CABRAL, Lúcia de Fátima Oliveira<sup>4</sup>; MIRANDA, Rosane Barbosa<sup>5</sup>; PINHEIRO, Roberto França<sup>6</sup>; REIS, Mayra Neves da Silva<sup>7</sup>; MORELATO, Rodrigo<sup>8</sup>

<sup>1</sup>Verdejar Socioambiental, [adireginaprinicis@gmail.com](mailto:adireginaprinicis@gmail.com); <sup>2</sup> Verdejar Socioambiental, [mara.verdejar@gmail.com](mailto:mara.verdejar@gmail.com); <sup>3</sup> Oca dos Curumins, [tiabete2008@gmail.com](mailto:tiabete2008@gmail.com); <sup>4</sup> EDUCAP, [lucia.educap@gmail.com](mailto:lucia.educap@gmail.com); <sup>5</sup> Oca dos Curumins, [rosaneanalise@yahoo.com.br](mailto:rosaneanalise@yahoo.com.br); <sup>6</sup>Verdejar Socioambiental, [robertomusicomare@gmail.com](mailto:robertomusicomare@gmail.com); <sup>7</sup>Verdejar Socioambiental, [mayrareis.cpx@gmail.com](mailto:mayrareis.cpx@gmail.com); <sup>8</sup>Verdejar Socioambiental, [rodrigomorelato@gmail.com](mailto:rodrigomorelato@gmail.com);

### **RELATO DE EXPERIÊNCIA POPULAR**

#### **Eixo Temático: Infâncias e Agroecologia**

#### **Apresentação e Contextualização da experiência**

O contexto da pandemia da COVID-19 trouxe enormes agravantes para as questões de saúde coletiva das populações das favelas da cidade do Rio de Janeiro e, em especial, para as crianças da Zona Norte da cidade. Nesse cenário, uma série de organizações de base comunitária, das quais fazemos parte, desenvolveu várias ações de valorização da vida e do Bem Viver, tendo como eixos estratégicos o protagonismo das crianças e a promoção da agroecologia através do ato de brincar.

Entre 2021 e 2023, realizamos um grande projeto chamado "Agroecologia Cultivando Saúde e Bem Viver nas Favelas", que possuía três eixos de ações: comunicação; ações estruturantes e ações emergenciais. O primeiro eixo de ação, o da comunicação, diz respeito a atividades de mobilização das comunidades, auto-organização de nossos coletivos e produção de conteúdos para redes sociais digitais voltados ao combate à desinformação sobre a pandemia. O segundo eixo de ações foi composto do fortalecimento e/ou criação de hortas comunitárias em cinco favelas da Zona Norte da cidade e também da construção de duas cisternas de 16 mil litros, baseadas nas tecnologias sociais da articulação do semi-árido (ASA). O terceiro eixo de ações, emergenciais, atuando no combate à fome e amparo da agricultura familiar, contou com o fortalecimento da solidariedade campo-cidade através da aquisição e distribuição de produtos agroecológicos para 100 famílias que se envolvem cotidianamente com nossas atividades; e também com iniciativas que valorizaram o protagonismo feminino e infantil, através de ações voltadas à participação popular, a construção coletiva de saberes agroecológicos, à difusão de conhecimentos tradicionais e ao ato de brincar enquanto promotor de saúde e agroecologia.

Este relato descreve as atividades realizadas nesse último eixo, em especial, aquelas realizadas com as comunidades, mulheres e crianças que desenvolveram o



que chamamos de “Cesta Curumim”, uma metodologia de mobilização popular baseada no ato de brincar a agroecologia e que levava nutrição, saúde, informação, novas experiências e educação ambiental para crianças de 06 a 14 anos, em escolas municipais ou espaços organizacionais na área de atuação do projeto.

Entendemos que o ato de brincar é fundamental para a construção da agroecologia. Quando brincam, as crianças se sentem valorizadas e pertencentes ao local, é uma forma de elevar a auto-estima dessa criança, que em alguns casos se encontra cheia de problemas não perceptíveis aos adultos. As brincadeiras incentivam a ajuda de uma criança para com a outra, promovendo solidariedade: é uma forma de mostrar que é necessário respeitar o outro e suas limitações. Também é importante dizer que quando envolvemos as crianças, envolvemos algumas das mães e famílias no processo agroecológico. Tentativas de acolher e unir o núcleo familiar num processo ameno e com apoio das assistentes sociais, pedagógicas e equipes de cada espaço, tentando enfrentar as contradições de um território em conflito.

Estamos situados no maciço da Serra da Misericórdia<sup>1</sup>, a última área verde mata atlântica com menor índice de área verde per capita da Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, que é cercada por vinte e seis bairros, dentre os quais cinco complexos de morros e favelas (Alemão, Penha, Juramento, Serrinha e Sapê). Atuamos nas comunidades do entorno com Educação Ambiental e agroecologia, sempre respeitando a diversidade existente no território, valorizando a cultura e contribuindo para o desenvolvimento sustentável local.

A Verdejar Socioambiental reside há 25 anos abordando os temas transversais à reflorestamento e agroecologia junto aos seus parceiros, enquanto atua com práticas didático pedagógicas permeadas pela educação popular paulo freiriana, lidas e vividas pelo aspecto da criança ou pessoa em vulnerabilidade seja pela violência urbana e policial, déficit de moradia, ou por insegurança alimentar, escassez de acesso a água entre outros. Em função e consequência dessa exclusão social, da migração histórica e urbanização desenfreada sem participação popular na região e falta de apoio de políticas públicas para implementar segurança habitacional, hídrica e saneamento básico nessa área, o tráfico de drogas, a criminalidade e a violência associados aos níveis elevados de desemprego, especialmente nas comunidades de baixa renda, dominam quase todas as favelas cariocas. Essa entre outras condições que afetam a nossa área de atuação nos destacada como uma APARU<sup>2</sup> deteriorada em nascentes, canais, topos de morro e encostas, número elevado de mortes prematuras por intoxicações e doenças pulmonares devido a qualidade duvidosa do ar contaminado tanto pelos veículos quanto pelas pedreiras e complexos industriais ativos sem autorização ambiental, com elevado índice de poluição da região, agravando e escancarando o racismo ambiental devido à exclusão existente entres as regiões oeste, norte e centro/sul da cidade do Rio de Janeiro.

---

<sup>1</sup> Para mais informações, vide: <https://www.verdejar.org/o-macico> (acesso em 09 jul. 2023).

<sup>2</sup> Área de Preservação Ambiental e Recuperação Urbana, uma figura jurídica exclusiva da cidade do Rio de Janeiro.



## Desenvolvimento da experiência

Para desenvolver a cesta curumim, partimos de experiências que há décadas atuam na Serra da Misericórdia. São elas o Verdejar Socioambiental, Oca dos Curumins, EDUCAP<sup>3</sup> e CESAC<sup>4</sup>. Essas organizações e coletivos fazem parte do que chamamos “Arranjo da Serra da Misericórdia”, ou seja, compõem parte do agroecossistema no qual desenvolvemos nossas atividades.

Deste modo, a “Cesta Curumim” é uma série de produtos (como brinquedos, brochuras, material escolar, mudas e sementes) e de processos (como encontros, trocas, ajudas uns aos outros) que promovem saúde, agroecologia e bem viver nas favelas através da participação infantil que abrange o ato de brincar.

A “Cesta Curumim” foi idealizada e desenvolvida por essas organizações de base comunitária como uma maneira de fomentar esses processos e contava com um jogo educativo (de tabuleiro) que envolvia as organizações dos entornos da Serra da Misericórdia, folhetos explicativos e com espaços para colorir, um jogo de memória com imagens relacionadas à agroecologia, doces agroecológicos (como o brigadeiro de amora), sabonete líquido ecológico e uma série de brincadeiras que proporcionou a eles tocar a terra, plantar algo que eles iam cuidar e se alimentar. Possibilitou a aproximação das crianças com um tipo de alimento, o agroecológico, que geralmente não faz parte de seus hábitos alimentares. Além de levarem para a casa a continuação dos assuntos para praticar e desenvolver de modo lúdico no núcleo íntimo, pois incentivamos essa conexão e investigação juntos dos seus familiares, vizinhos e amigos, fortalecendo laços e conexões no território. Levam um kit completo com jogos e material para colorirem e desenharem, além da muda agroecológica e comestível ou semeada para continuar os processos ocultos, mas genuínos de agricultura urbana e educação ambiental.

Em diferentes momentos desse período de realização do projeto, nos encontramos dispostos em diversos territórios para brincar o Bem Viver com o auxílio da “Cesta Curumim”. A atividade podia começar com uma prática de respiração, e ou relaxamento corporal, buscando acalmar um pouco as crianças. Acreditando que para poder praticar agroecologia na educação básica é necessário ainda mais colocar-se no lugar do participante da atividade, e entendendo que a escuta e a liberdade são princípios pedagógicos e artimanhas que podemos e devemos usar para despertar curiosidade, alimentamos as crianças com informações visuais que já instigam. Com algumas perguntas conseguimos orientar um bate papo tranquilo onde eles podem se expressar, livres, enquanto trocamos informações e conhecimentos de modo leve. Tentamos agregar o tempo todo elementos visuais, memórias afetivas, olfativas, entre outras que ajudam a elucidar o que queremos que eles percebam sobre os temas abordados e conectem seus saberes, despertando o interesse pela saúde e agroecologia genuinamente, naquele lugar que a cabeça da criança já conhece de outras experiências.

---

<sup>3</sup> Espaço Democrático de União, Convivência, Aprendizagem e Prevenção.

<sup>4</sup> CESAC - Centro de Etnoconhecimento Sociocultural e Ambiental Caiuré.



Como exemplo, na EDUCAP, em uma roda de escuta colocamos alguns itens da “Cesta Curumim” ao centro, formando uma mandala e lançamos as seguintes perguntas: O que é Saúde? O que não é Saúde?

A partir da palavra geradora “Saúde” as crianças puderam oferecer sua visão de mundo. Para elas, saúde era brincar, comer frutas, comer comida, poder ir à organização de base comunitária onde estávamos, poder encontrar os amigos. Outras questões de suas vidas, como o antigo governo (2019-2022), a falta de comida, a violência e tiros foram agrupadas como coisas que “não são Saúde”. Dialogamos com as crianças, sobre a importância do cuidado coletivo, sobre a necessidade de usarmos máscaras.

Na segunda parte da atividade, fizemos uma outra pergunta para as crianças: o que é Agroecologia? Fomos percebendo que esse termo não faz parte do universo vocabular das crianças e, então, modificamos a pergunta para “Sua mãe, sua avó ou alguém da família planta coisas em casa?”. A maioria das crianças disse que sim, foram descrevendo o que os familiares plantavam e os usos dessas plantas – sendo que alguns, inclusive, vendem os produtos. Então, dissemos para eles que isso era agricultura familiar, uma parte da agroecologia urbana.

Ao final da atividade, apresentamos alguns dos produtos da Cesta Curumim – principalmente os brinquedos – e, para finalizar, fizemos um plantio junto com as crianças, semeando girassol, maracujá e algumas verduras. Muitas crianças disseram que voltariam àquela horta comunitária para cuidar das sementes e ver a evolução das plantas.

Nas escolas municipais havia muita troca de saberes entre os próprios educandos, então preparar os vasos para plantio de mudas, praticar o manejo, e observar solidariedade que um educando da turma trazia com o outro explicando e trocando no processo era certeza da orientação estar nesse nível horizontal onde não há educando e professor e sim saberes diferentes dispostos a troca. Cada experiência prática depende de fatores diversificados, mas a liberdade da construção coletiva e conversas prévias, também é a junção de anos de trabalhos e colaborações em rede entre os envolvidos, definindo juntos qual a melhor técnica para conduzir as atividades, sempre com muito sucesso.

No CESAC a experiência aconteceu com crianças na primeira fase da educação infantil, nesse espaço a atividade começou com uma brincadeira que usa o giz de cera deitado riscando um papel ofício, posicionado por cima de uma folha vegetal, colhida com as crianças e com as orientadoras anteriormente. Nesse momento, dispostas em círculo com o material de apoio no meio como instalação pedagógica visual, e orientadas pelas orientadoras Adriana Princisval e Mel Guajajara, as crianças são provocadas a sentir, tocar as folhas, observar suas ranhuras e diferentes colorações, perceber seu olfato, comparar com a de outro participante. Depois posicionam sua folha viva vegetal, com a ofício por cima apoiadas no próprio chão, escolhem suas cores, no meio do material ao centro e correm o giz de cera na folha fazendo surgir uma outra perspectiva de brincar, fazer arte e explorar esses elementos como giz de cera, objetos, impressões. Crianças se encantam com as figuras formadas. Apoio lúdico e impulsionador para treinar



movimentos como os de pinçar os dedos, segurar o giz e movimentar os pulsos e mãos para desenvolvimento da habilidade manual e escrita. Terminamos o dia com uma história contada por uma arte-educadora indígena conectando ainda mais os saberes e aguçando curiosidades. No dia também foi compartilhado lanche agroecológico e atividade voltada à saúde e auto cuidado com as mulheres.

## Desafios

Acreditamos que nossos principais desafios têm relação com o racismo ambiental. A Serra da Misericórdia, último remanescente de Mata Atlântica da Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, deveria ser compreendida como um espaço fundamental para a valorização de todas as formas de existência e vida – sejam elas animais, vegetais ou minerais, como diria o saudoso Luiz Poeta<sup>5</sup>.

Por ser cercada de cinco complexos de favelas, onde habitam famílias majoritariamente negras, os direitos mais básicos são negados aos moradores dessa região da cidade. Operações policiais são frequentes, as violações de direitos humanos acontecem todos os dias, os serviços mais básicos não são proporcionados pelo Estado. Deste modo, a falta de investimentos públicos que valorizem a vida é um grande dificultador da promoção do Bem Viver, da Saúde e da Agroecologia nas favelas do Rio de Janeiro. Fazer chegar o material de apoio pesado nos territórios, por exemplo, onde o transporte coletivo não chega foi o maior desafio e é rotina comum nessas áreas.

Nesse sentido, os movimentos sociais de base comunitária acima mencionados têm se envolvido na construção do chamado “Arranjo da Serra da Misericórdia”, que também agrega outros atores não-territorializados nas favelas da cidade, como é o caso da Organização Não-Governamental AS-PTA Agricultura Familiar e Agroecologia, através de seu programa de Agricultura Urbana e a Universidade do Estado do Rio de Janeiro, centrais para a realização deste projeto e encurtamento de distâncias.

Com essa rede de parceiros, conseguimos disputar e fomos aprovados na Chamada Pública para Apoio a Ações Emergenciais de Enfrentamento à COVID19 nas Favelas do Rio de Janeiro. Essa chamada nos apoiou com recursos provenientes da Lei Nº 8.972/20, do Fundo Especial da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro à Fundação Oswaldo Cruz.

## Principais resultados alcançados

Entendemos que nossos principais resultados se relacionam com a construção de metodologias nas quais as crianças sejam protagonistas da agroecologia urbana. Tais metodologias induzem ao desenvolvimento da solidariedade entre as crianças, promove a sua autonomia e leva em consideração sua maneira de estar no mundo e viver a agroecologia.

---

<sup>5</sup> Para mais informações sobre nosso fundador, Luiz Poeta (1957-2011), vide: <https://www.verdejar.org/luiz-poeta> (acesso em 09 jul. 2023).



As experiências proporcionadas pelos processos e produtos contidos na "Cesta Curumim" permitem uma aproximação do brincar com o fazer a agroecologia, que acontece de modo horizontal e participativo, envolve as famílias, fomenta a solidariedade campo-cidade, inicia às técnicas de plantio e manejo agroecológicos e realiza educação popular.

### **Disseminação da experiência**

Acreditamos que a disseminação desta experiência se dá, sobretudo, a partir das próprias crianças, que envolvidas pelos fundamentos participativos da "Cesta Curumim", conseguem envolver a família e amigos no ato de brincar e exercitar a agroecologia.

Nossas organizações de base comunitária também publicaram uma extensa prestação de contas, a qual incluía a divulgação e disponibilização desse material para outras iniciativas interessadas na replicação das atividades.

Sonhamos e acreditamos na parceria constante entre comunidades, agentes sociais e líderes comunitários na promoção do protagonismo infantil que envolva a agroecologia e o Bem Viver nas terras da Zona Norte do Rio de Janeiro.